

A ARTE DE CURAR AS MULHERES

TÂNIA SOUZA LOURENÇO*

Resumo: Na Europa, no início da Época Moderna, o discurso médico fornecia argumentos que reafirmavam a inferioridade estrutural da mulher e justificavam o papel que elas desempenhavam na família e na sociedade, apoiando-se em preceitos aristotélicos e galênicos. A mulher devia estar submetida ao homem. A sua função social estava bem definida pelas características físicas peculiares do seu corpo: devia conceber e educar os seus frutos dentro dos valores socialmente aceitos. O organismo feminino era considerado doentio, frágil, débil e por isso mais suscetível às doenças. O útero, ou melhor, a matriz era considerada a fonte da maioria das doenças que atingiam as mulheres. Acreditava-se que esse órgão tinha comunicação com diversas partes do corpo feminino e o seu mau funcionamento poderia causar, entre outros sintomas, uma dor de cabeça. O presente trabalho analisa as práticas de cura aplicadas às mulheres a partir do saber médico do século XVII, em Portugal. A sangria foi o método mais usado na reabilitação de pacientes de todas as idades, independente do gênero, idade ou grupo social. Nos procedimentos terapêuticos investigados procurou-se destacar as especificidades das técnicas utilizadas para a reabilitação de pacientes do sexo feminino, bem como as semelhanças no tratamento de doentes homens. Para isto, foi utilizada a obra “Observações medicas doutrinaes”, do doutor João Curvo Semedo, médico da Casa Real e dos Cárceres do Santo Ofício. A obra é um relato dos achaques de diversos pacientes atendidos, bem como dos tratamentos prescritos. Autor de inúmeros tratados de medicina, Semedo destacou-se entre seus pares pela experiência na arte de curar e pelos remédios que inventou, inovando ao associar o conhecimento médico tradicional à Escola Hermética. Os métodos por ele empregados para curar as mulheres obedeciam a critérios em consonância ao ciclo menstrual e a gravidez, além da utilização de recursos do universo mágico ou sobrenatural.

Palavras-chave: práticas de cura, mulheres, saber médico.

Abstract: In Europe, at the beginning of the Modern Period, the medical methodology had arguments that reaffirmed the structural inferiority of women, justifying their role in society based on Aristotelian and Galenic precepts. Women should submit to men. Their social function was well defined by their physical characteristics and peculiar bodies: they should conceive and educate their children inside socially accepted values. The female organism was considered sickly, frail, and weak, thus more susceptible to diseases. A woman’s uterus, or better, her matrix, was considered as the source of most female diseases. They believed this organ communicated with other parts of the body and it’s malfunction could cause, amongst other things, headaches. This work analyzes the healing practices applied to women steaming from the 17th century medical knowledge in Portugal. Bloodletting was the most widely used method to rehabilitate patients, regardless of gender, age or social status. In the therapeutic procedures analyzed, an effort has been made to research the specificities of the healing techniques used on women and their similarities to that used on men. For that purpose, the book “Observações medicas doutrinaes” (Doctrinal Medic Observations, in free translation), of doctor João Curvo Semedo, physician of the Royal House and Holy Office Prisons, was used in the analysis. The publication brings accounts of the common sicknesses the patients

*Mestranda pelo PPGH-UFF sob a orientação da Professora Dr.^a Georgina Silva dos Santos.

had and their treatment. Author of a wide number of medical treatises, Semedo stands out among his peers for his experience in the healing arts and for the medicines he invented. He innovated by bringing together traditional medical knowledge and Hermeticism. His methods to heal women obeyed to criteria in consonance with the menstrual period and pregnancy. Beyond that he also used resources of the magical universe and the supernatural.

Key words: healing practices, women, medical knowledge.

1. O discurso sobre o corpo e a saúde da mulher

Ao longo dos séculos a mulher foi representada ora de forma sublime e virtuosa, ora recoberta por aspectos demoníacos e desqualificantes. Segundo Jean Delumeau (2009) , isto se explica porque a “veneração do homem pela mulher foi contrabalançada” (p. 463) pelo medo que este sentiu do “segundo sexo”(p.462).

Santo Agostinho (apud DELUMEAU, op. cit., 472), como um dos representantes do discurso teológico, considerava a mulher um ser inferior ao homem, devendo-lhe, desta forma, obediência. São Tomás de Aquino (idem, ibidem) confirmou a submissão feminina ao afirmar que no homem abundavam mais discernimento e razão.

Diante dos tribunais as mulheres eram “sempre menos críveis que os homens”(ibidem.p. 479). Os juristas da Renascença dividiam-se quanto à punição merecida por uma mulher culpada: alguns defendiam que nenhum atenuante deveria lhes ser dado, outros optavam por uma indulgência devido à insuficiência de razão e imbecilidade feminina. O discurso médico fornecia argumentos que reafirmavam a inferioridade estrutural da mulher e justificavam o papel que elas desempenhavam na família e na sociedade. Para isto, apoiavam-se em preceitos aristotélicos e galênicos.

Para Aristóteles (apud DELUMEAU, 2009, pp. 472-473) a mulher era um macho deficiente, mutilado e imperfeito. Acreditava que apenas o homem desempenhava um papel ativo na geração, sendo a mulher um receptáculo. Argumentava que o homem era necessário à mulher, não só para esta conceber, como também para governá-la, enfatizando a superioridade masculina em relação à razão e a virtude.

De acordo com Galeno, o corpo feminino era uma introversão do masculino. Esta teoria foi tão bem aceita e influenciou tanto a ciência médica, que até mesmo Vesalius, que havia revolucionado o conhecimento sobre anatomia humana com a publicação do *Fabrica*, representou o útero e o colo do útero com grande semelhança ao aparelho urogenital masculino.

Influenciado pelas concepções herdadas da Antiguidade, Rabelais (apud, idem, pp 494-496), monge e médico do século XVI, defendia que a mulher não havia sido criada apenas para conceber, mas também para o deleite do homem e a manutenção do lar. Em função de sua fragilidade, considerava que deveria ser protegida e bem educada por seus pais, instruída em virtude e honestidade.

Ambroise Paré (idem, ibidem, pp. 496-497) considerava que a mulher tinha menos calor que o homem e que suas partes espermáticas eram mais frias e moles. Os órgãos sexuais femininos eram internos devido a imbecilidade natural da mulher, que não os expeliu como no homem. Quanto a procriação, assegurava que o macho era gerado pela semente mais seca e a fêmea pela mais úmida, sendo a umidade menos eficaz que a secura, a fêmea era formada mais tarde. Reafirmando a superioridade masculina, exemplificava que uma grávida que no ventre carregasse um menino era mais disposta e robusta. Além disso, acreditava que os meninos eram carregados mais à direita do corpo, considerado o lado mais nobre.

Discordando de Paré quanto a concepção, Laurent Joubert, conselheiro e médico ordinário do rei Henrique III, afirmava que a semente podia se converter em um corpo feminino ou masculino dependendo da “disposição da matriz e do sangue menstrual”(idem, ibidem, p. 498). Comparava a matriz¹ ao campo, sendo a terra úmida em demasia converteria as sementes em fêmeas, quanto mais secas em machos. Desta feita, as relações sexuais mantidas mais próximas aos dias que antecediam a menstruação tinham mais probabilidade em dar origem a uma menina, estando a matriz mais úmida. Porém, o ato sexual logo após o término das regras, provavelmente, originaria um menino, quando a matriz estaria mais seca e quente.

A concepção sempre suscitou discussão entre aqueles que praticavam a medicina, como foi exposto acima. Para os seguidores de Aristóteles a fêmea era apenas um receptáculo passivo do embrião. Na Idade Média, o discurso sobre este tema se dividiu entre o aristotelismo e “a teoria da dupla semente defendida por Hipócrates e Galeno”(BERRIOT-SALVAROTE, 1994, p. 427), segundo a qual a semente mais seca dava origem ao homem e a mais úmida à mulher. No alvorecer do Renascimento, os médicos pressupunham que a mulher contribuía para a geração “com o sangue menstrual e com uma semente”(idem, ibidem), que continua inferior à do espermatozóide masculino. A maioria dos especialistas do século XVI,

¹ Matriz: de acordo com os médicos do início da Época Moderna, era o receptáculo onde se formava o filho, também definido como vaso onde se concebe e protege a criança. (Cf.: PERROT & DUBY, 1994, pp. 420-421)

considerava a geração como a ação de três elementos: a semente masculina, a semente feminina e o sangue menstrual.

Willian Harvey fomentou o debate sobre a concepção, a partir da publicação de seu livro *Exercitationes de generatione animalium*, em 1651, ao afirmar que tudo que era vivo provinha do ovo (CORREIA, 1999). Porém, foi a descoberta do holandês De Graaf sobre os ovários, em 1672, que deu credibilidade a teoria ovista. Segundo esta teoria, todos os animais, inclusive o homem, tem sua origem num ovo existente no ovário feminino, antes do coito. A teoria ovista abalou a supremacia masculina na concepção, pois só a mulher era detentora do “germe sagrado da vida”(BERRIOT-SALVADORE, op. cit.,429).

A descoberta dos espermatozóides pelos microscopistas estimulou ainda mais o debate sobre a concepção. Leeuwenhoek após observar o sêmen humano e de diversos animais, se posicionou contra a teoria ovista, afirmando que o ser humano não se originava do ovo, mas do espermatozóide. Restituiu assim, ao homem supremacia perdida a partir da teoria ovista. No entanto, alguns médicos e cientistas negavam a contribuição desses animálculos para a fertilização, por associarem estes seres a vermes. A desconfiança quanto esta nova tese, reafirmou o apego à teoria hipocrática seminista, que não contrariava a hierarquia pela qual a sociedade da época estava assentada.

A partir do final do século XVI, os médicos e os filósofos naturalistas não se satisfaziam mais com a explicação dos antigos acerca da imperfeição do sexo feminino. O corpo da mulher passa a ter uma identidade própria. Ele já não é mais considerado um macho deficiente, “mas como um corpo acabado e singular”(idem, ibidem, p.419). Essa nova abordagem legitima a função social da mulher: a maternidade. A matriz, órgão feminino que concebe e protege o filho, lhe confere identidade, sendo o “detentor de toda a feminilidade”(BERRIOT-SALVADORE, 1999, p. 420).

Os médicos e as parteiras seiscentistas afirmaram ser a matriz a fonte de maior parte das doenças femininas. Neste ponto retomam Hipócrates, que já tinha afirmado isso. A histeria, por exemplo, foi uma doença associada à matriz. As causas dos ataques histéricos seriam os vapores venenosos produzidos por este órgão que seriam levados para todo o corpo, “até o cérebro” (idem, ibidem, p. 423). A histeria era definida como uma doença de mulher sem homem. O remédio para tal achaque era o casamento. Novamente, a mulher era submetida ao sexo masculino. De acordo com Grieco (1994, pp. 92-93) a ciência médica reforçava a concepção, amplamente difundida, da necessidade biológica da satisfação erótica feminina. A partir do século XVIII, no entanto, a histeria passa a ser vista como uma doença

que atacava ambos os sexos, sendo mais comum nas mulheres. A causa, então, estaria no ar viciado das cidades e na vida desregrada.

Os fluxos uterinos, sendo eles menstruais ou não, eram fatores que podiam alterar o estado de saúde da mulher. O médico português João Curvo Semedo, nas *Observações medicas doutrinaes*, relata o caso de uma senhora que sofreu por trinta meses de intenso fluxo uterino, e por isso estava extremamente magra e debilitada. O remédio prescrito foi a ingestão de água benedicta vigorada, um vomitório, para limpar a madre. Isto porque, acreditava que através dos vomitórios os humores que ofendiam este órgão, fariam o movimento contrário, sendo eliminados. O mesmo tipo de tratamento era indicado também para fluxos menstruais excessivos. No entanto, se o fluxo continuasse intenso, recomendava molhar o “miolo de pão na dita purgaçã, & a dem a comer a huma porca parida, ou a huma cadela, & se transplantará a purgação na dita porca ou cadela” (SEMEDO, 1707, p. 479). No caso de supressão do fluxo menstrual, recorria-se às sangrias: se o problema fosse antigo era recomendado sangrar primeiramente os braços para depois ir para os pés (ibidem, p. 63 e 288). Além disso, eram usadas pílulas, manipuladas especialmente para fazer descer o sangue menstrual, caldos e infusões.

Até o século XVII, o discurso médico fundamentou-se na teoria dos humores², atribuída à Hipócrates, para explicar o dimorfismo sexual. Segundo esta teoria, a mulher possuía humor frio e úmido, possuindo órgãos espermáticos mais moles que o homem. Assim os órgãos sexuais femininos manter-se-iam internos pela própria frieza, que os contraía. Esta teoria justificou a concepção, já enraizada na sociedade européia, da natureza feminina como frágil, instável e débil.

A teoria humoral foi também usada pela ciência médica para explicar a esterilidade, vista como uma doença feminina. A causa desta estava ligada a frieza e umidade do corpo feminino, que destruía o sêmen masculino ou a um desregramento dos humores. Outra causa para a esterilidade era o pouco prazer feminino no ato sexual, pois assim a mulher não produzia semente alguma e rejeitava o “esperma masculino pela crispação do orifício uterino”(BERRIOT-SALVADORE, op. cit., p. 439).

Os estudos relativos ao processo de procriação, ora valorizavam a mulher, ora contribuía para reforçar concepções acerca da debilidade estrutural e enferma femininas. Os

² Teoria dos humores: comumente atribuída a Hipócrates (460-377 a.C.). Concebe o ser vivo como resultado da composição dos elementos terra, água, fogo e ar. A combinação deles no organismo dava origem a quatro humores: o sangue, a bílis amarela, a fleuma e a atrabilis. A saúde era a combinação harmônica destes elementos, sendo a doença um desequilíbrio dos mesmos. (Cf.: SANTOS, 2004. pp. 236-237)

médicos setecentistas consideravam que a maior parte das doenças hereditárias era transmitida ao feto pela mãe durante a gestação. Também acreditavam que o caráter podia ser herdado da progenitora, por isso a importância dada ao casamento com mulheres bem educadas em virtude.

A gravidez e a maternidade eram o remédio mais adequado para a maioria das doenças femininas. Os médicos do Antigo Regime concordavam que a mulher sã e feliz era a mãe de família (ibidem, p. 454). Entretanto, apesar do caráter terapêutico da gravidez, este estado da mulher inspirava muitos cuidados. Os seguidores de Galeno recomendavam que durante os primeiros meses de gestação as mulheres deveriam evitar atividades que demandassem esforço físico, devido ao risco de perder a criança que carregavam no ventre. Os cuidados com a gestantes levavam em consideração a alimentação, os alimentos acres deveriam ser evitados por serem considerados inflamatórios, além de evitar submetê-las a emoções e barulhos intensos.

Enfim, o discurso médico relativo às mulheres confirmava concepções já enraizadas na sociedade europeia. A mulher pela sua inferioridade estrutural devia estar submetida ao homem. A sua função social estava bem definida pelas características físicas peculiares do seu corpo: devia conceber e educar os seus frutos dentro dos valores socialmente aceitos.

2. João Curvo Semedo e a arte de curar as mulheres

Autor de inúmeros tratados de medicina e afamado médico em Portugal, João Curvo Semedo se formou pela Universidade de Coimbra e iniciou sua carreira aos 26 anos de idade. Nascido em 1635, na Villa de Monforte, no Alentejo, acumulou títulos almejados por muitos colegas de profissão, como o de Familiar do Santo Ofício, além de ter sido médico de seus cárceres e da Casa Real, também foi Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo.

João Curvo conquistou grande prestígio na sociedade portuguesa, não só devido aos títulos que o distinguiam como nobre e cristão-velho, mas pela experiência que tinha na arte de curar e pelos remédios que inventou, dentre os quais o Benzoartico Cordeal indicado para febres malignas, bexigas, sarampões, ancias no coração e suspeitas de envenenamento. Em um de seus principais tratados, "*Observaçoes medicas doutrinaes*", no qual descreveu cem casos que atendeu e os tratamentos que empregou para a cura dos enfermos, enfatizou como a sua intervenção foi primordial para que restabelecessem a saúde.

O método usado por João Curvo para curar seus pacientes também contribuiu para destacá-lo entre seus pares. Ao contrário dos médicos de sua época, que se baseavam

exclusivamente nos preceitos hipocráticos e galênicos, inovou ao associar o conhecimento tradicional à Escola Hermética. Utilizou em suas curas medicamentos manipulados a partir de substâncias perecíveis, baseando-se nos ensinamentos de Galeno, além de ter sido um dos maiores divulgadores dos princípios ativos dos metais ao utilizar o mercúrio e o pó de quintílio (antimônio) em muitas de suas fórmulas (SANTOS, 2004).

Assim como os médicos lusos do século XVII, Semedo utilizou a sangria em seus tratamentos. No entanto, criticava o uso inveterado da técnica, enfatizando que em determinados casos as sangrias poderiam enfraquecer ainda mais o doente. Relata, entre outros, o caso de Agostinha Pereira que padecia de febre, tosse, rouquidão, magreza e fastio, devido ao trabalho na criação de seu primeiro filho, que ao confiar sua saúde a um barbeiro ficou ainda mais debilitada pelas sangrias que lhe foram aplicadas (SEMEDO, op. cit., pp. 388-389). Adverte aos leitores, citando Galeno, que as excessivas sangrias também poderiam causar doenças muito graves, sendo a paralisia uma delas (ibidem, p. 21).

Nas “*Observações medicas doutrinaes*”, João Curvo Semedo relatou trinta e quatro casos de atendimentos prestados às mulheres. As pacientes curadas foram vítimas de diversos achaques, sendo a maioria própria do sexo feminino, tais como, supressão de menstruação, fluxo uterino, complicações após tentativa de aborto e após o parto.

A sangria foi o método mais usado para curar tanto as doenças tipicamente femininas como as masculinas. Em todos os casos de supressão de menstruação a sangria foi prescrita, sendo feitas primeiramente nos braços, se o problema fosse antigo, e depois nos pés (ibidem, p. 63). Todavia, sendo a ausência dos mênstruos algo recente, recomendava que a sangria fosse feita apenas nos pés para atrair o sangue catamenial ao local onde deveria correr. O mesmo método também foi usado para curar os homens vítimas de gonorreias, pois de acordo com os preceitos de Hipócrates e Galeno, acreditava que as sangrias altas, nesses casos, faziam com que os humores infeccionados subissem e contaminassem a parte superior do corpo.

Apesar de ser receitada no tratamento para diversas doenças, a aplicação de sangrias nas mulheres obedecia a alguns critérios. Não era recomendado às grávidas, pois poderiam abortar, nem àquelas que recentemente tivessem dando a luz. A maioria dos médicos não receitava sangria alta estando a mulher menstruada por acreditarem que esta poderia morrer, porque o sangue menstrual subiria. Porém, João Curvo recorreu às sangrias para curar uma de suas pacientes, que “estava no segundo dia da purgação mensal” (SEMEDO, op. cit., p. 29), acometida por uma inflamação na pleura, visto que este era o método de cura mais eficaz.

Ressaltou que nestes casos as sangrias altas poderiam ser realizadas, desde que antes delas fossem feitas fortíssimas ligaduras por cima dos joelhos das enfermas.

As fórmulas purgantes também foram amplamente utilizadas para evacuar a causa da doença. Semedo como médico adepto da teoria humoral, utilizou os laxativos para eliminar do organismo os humores excedentes, que provocavam os males que tanto perturbavam os pacientes que atendia. As fórmulas laxantes foram receitadas para pessoas de diferentes gêneros e idades. No entanto, era consenso entre os médicos que não se deveria dar laxativos às mulheres que recentemente tivessem parido, pois poderia causar uma fraqueza duas evacuações juntas: a do puerpério e a fecal. Assim, acreditavam que a paciente poderia correr risco de vida. Apesar disso, o médico acima citado, curou duas mulheres recém-paridas receitando para uma delas que estava hidrópica (ibidem, pp., 348-354), laxativos e para outra que faltou a purgação do puerpério e estava com diarreia e febre, sangrias nos pés (ibidem, pp., 528-532). Com esses dois casos, demonstrou que exceções poderiam ser feitas e que recorria ao que podia, ou ao que sua experiência comprovava, em casos considerados graves.

Os vomitórios também foram usados para evacuar ou reverter para parte contrária os humores causadores de diversos achaques. A água benedicta vigorada, o vinho emético e os pós de quintílio foram os vomitórios mais prescritos nas “*Observações medicas doutrinaes*”, e eram usados para o tratamento de qualquer paciente, não havendo restrições de sexo ou idade. Nos males próprios do sexo feminino, como fluxos uterinos e purgações da madre, os vomitórios eram utilizados para suspendê-los. Além disso, vale ressaltar que era o tipo de tratamento considerado mais eficaz para esses casos.

Nos casos de fraqueza causada por excesso de trabalho ou por cansaço devido à amamentação, receitava às mulheres caldos confortativos doces preparados com chocolate e salgados, feitos com perdiz e frangões cozidos. Esses mesmos caldos também foram receitados tanto aos homens que adoeceram por conta de excessivos atos venéreos que praticaram, como pelas das atividades profissionais que os deixaram exaustos (ibidem, pp.370-376).

Os banhos quentes e pedilúvios, uma prática conhecida e usada por pessoas simples, de acordo com o próprio Semedo (ibidem, p. 248), foi também por ele utilizada na cura de diversos pacientes. Ao atender uma condessa, Dona Maria de Noronha, que agonizava com fortes dores no estômago e já se encontrava sem pulso, apelou para o banho de água quente nos pés, curando a enferma. A partir desse caso, relatou que os pedilúvios podiam ser feitos com água ou vinho, deveriam ser bem quentes e durar pelo menos meia hora. Ervas também

poderiam ser misturadas a eles, desde que tivessem propriedades curativas para a doença que se apresentava. A cura por imersão dos pés foi indicada às mulheres com dores no ventre ou falta de menstruação e também para qualquer pessoa com dor na cabeça, no estômago, cólicas e falta de pulso (SEMEDO, op.cit. pp., 458-463).

Segundo o autor supracitado, os banhos, nos quais o tronco e os membros do doente eram submersos, foram prescritos tanto para temperar o calor das entranhas e fazer com que a pessoa parasse de evacuar, como também para amolecer as fezes. Nesse último caso o banho deveria ser morno e preparado com amêndoas doces, folhas de malva, urtigas mortas e raízes de malvaíscio. Os banhos também eram indicados para as rouquidões e tosses provenientes de calor das entranhas ou friagem das mesmas. Não havia restrições de sexo ou idade para a indicação desse método de cura.

Além de todos os métodos acima descritos, Semedo utilizou também medicamentos por ele manipulados, como os Castelinhos de Estancar Sangue que eram recomendados para conter os fluxos provenientes do útero, nariz, urina e hemorróidas. Outro recurso adotado para o restabelecimento das pacientes foi a prescrição do azougue (mercúrio), considerado o melhor remédio para distorcer o intestino. Uma mulher com hérnia intestinal foi curada após beber uma mistura azougue com uma xícara de caldo de galinha (ibidem, p. 547).

No entanto, João Curvo não se limitou aos recursos que a medicina da época podia oferecer. Na busca pela cura recorreu às práticas “mágicas”. Ao socorrer a própria mulher após o parto de gêmeos, que sofria em decorrência da placenta retida, relata uma série de fórmulas que poderiam resolver o problema, tais como pós de testículo de cavalo que não morresse de doença e a água de infusão da Pedra Quadrada, estando esta amarrada na perna direita pela parte de dentro (ibidem, pp. 207-211). Essa pedra, segundo crença difundida no século XVII, tinha o poder de ajudar a mulher a parir sem complicações.

A partir da obra “*Observações medicas doutrinaes*”, é possível identificar práticas de cura amplamente disseminadas na sociedade portuguesa do século XVII, sendo a sangria a mais usada para a cura de qualquer tipo de paciente, independente de sexo, idade ou classe social. Evidencia desta forma, a grande influência de pressupostos da medicina antiga na formação dos médicos portugueses da época, a despeito das descobertas e avanços científicos, principalmente sobre a anatomia humana, que se processavam na Europa.

Ao relatar o atendimento prestado às mulheres, o autor ressaltou concepções depreciativas do sexo feminino amplamente difundidas na sociedade portuguesa e legitimadas pelo saber médico. Em várias passagens o organismo feminino foi retratado como

estruturalmente inferior ao masculino, sendo considerado doentio, frágil e débil. O útero, ou melhor, a matriz era considerada a fonte da maioria das doenças que atingiam as mulheres. Acreditava-se que esse órgão tinha comunicação com diversas partes do corpo feminino e o seu mau funcionamento poderia causar, entre outros sintomas, uma dor de cabeça.

As práticas tradicionais de cura, baseadas nos preceitos de Hipócrates e Galeno, como as sangrias, vomitórios, laxantes e banhos foram adotadas para a reabilitação tanto de mulheres, como também de homens. No entanto, ao adotar qualquer tipo de método para a cura de pacientes do sexo feminino, o médico obedecia a critérios em consonância ao ciclo menstrual e a gravidez. As sangrias baixas, por exemplo, não eram recomendadas às grávidas, pois corriam o risco de abortarem.

Através da obra de Semedo é possível identificar a difusão de fórmulas “mágicas” para a cura de males próprios do sexo feminino. Além da medicina tradicional, o recurso ao sobrenatural aparece como mais uma alternativa para a cura da mulher. Entretanto, a descrição desses métodos em um tratado médico, evidencia como estavam disseminados na sociedade a ponto de influenciar um profissional que detinha o saber acadêmico sobre a medicina.

Referências

Fonte:

SEMEDO, João Curvo. *Obervaçoens medicas doutrinaes de cem casos gravíssimos, que em serviço da patria, & das nações estranhas escreve em língua portugueza, & latina.* Lisboa, 1707

Obra de referência:

SILVA, Inocêncio Francisco da. **Dicionário Bibliográfico Português.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

Livros e artigos:

ABREU, Jean Luiz Neves. “Ilustração, experimentalismo e mecanicismo: aspectos das transformações saber médico em Portugal no século XVIII.” **Topoi: Revista de História do PPGHIS da UFRJ.** Rio de Janeiro, v.8, n.15. Jul/Dez de 2007.

BERRIOT-SALVADORE, Évelyne. “O discurso da medicina e da ciência” in PERROT, Michelle & DUBY, Georges (dir). **História das mulheres no Ocidente.** Vol.3. Porto: Edições Afrontamentos, 1994.

CORREIA, Clara Pinto. **O ovário de Eva: a origem da vida**. Trad. Sonia Coutinho, Rio de Janeiro: Campus, 1999.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995

Delumeau, Jean. “Os agentes de Satã III: A mulher” in **História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

FRIENDMAN, Meyer & FRIELDLAND, Gerald. **As Dez Maiores Descobertas da Medicina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GRIECO, Sara F. Mattheuws. “O corpo, aparência e a sexualidade” in PERROT, Michelle & DUBY, Georges (dir). **História das mulheres no Ocidente**. Vol.3. Porto: Edições Afrontamentos, 1994.

SANTOS, Georgina Silva dos. João Curvo Semedo e a Arte dos Médicos **Seiscentistas (1635-1719)**. In XI Encontro Regional de História, Set/ 2004, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=305#creditos> acesso em 29/mar/2012.

_____. **Ofício e Sangue: a Irmandade São Jorge e a Inquisição na Lisboa Moderna**. Lisboa: Edições Colibri/Instituto de Cultura Ibero-Atlântica, 2005.

SOARES, Luiz Carlos. **Da Revolução Científica à Big (Business) Science: cinco ensaios de história da ciência e da tecnologia**. São Paulo/Niterói: Editora HUCITEC-EDUFF, 2001.